

A sensibilização contra COVID-19 em Angola pode contar com aliados de confiança: líderes religiosos, autoridades tradicionais e os militares

Afrobarometer Edição No. 401 | David Boio e Carlos Pacatolo

Resumo

Enquanto Angola continua em "situação de calamidade pública" para limitar a propagação do coronavírus, a informação credível continua a ser um instrumento essencial na luta pela proteção do país. Apesar das medidas preventivas tomadas com a devida antecedência e a manutenção das restrições nas viagens, aglomerações de pessoas, manutenção da cerca sanitária à cidade de Luanda – epicentro da pandemia em Angola, o número de casos confirmados subiu para mais de 8.300, com mais de 250 mortes (Organização Mundial de Saúde, 2020; Ministério da Saúde, 2020; O País, 2020).

Num estudo de opinião pública divulgado em abril, revelava que a maioria dos inquiridos apoiava o primeiro estado de emergência do país (27 de março a 10 de abril) bem como a possibilidade da sua prorrogação. Por outro lado, a maioria dos inquiridos declararam acompanhar com muita atenção as informações sobre o COVID-19, apesar de terem a percepção de que a maioria dos cidadãos do país não encaram os riscos da doença com a seriedade devida (Boio, Pacatolo, & Mbangula, 2020).

Uma estratégia de sensibilização da comunidade para combater eficazmente a propagação do COVID-19 exige olhar para os aliados do passado nas campanhas de vacinação contra a poliomielite, bem como para as respostas que outros países estão a dar para lidar com a pandemia (veja-se o exemplo do Gana em Sanny & Asiamah, 2020)

O primeiro inquérito do Afrobarometer em Angola, realizado entre novembro e dezembro de 2019, mostra que os cidadãos confiam mais nos líderes religiosos, autoridades tradicionais e forças armadas do que noutras instituições e funcionários chave. Esta confiança pode ser um trunfo estratégico para sensibilizar os cidadãos para a aderirem massivamente às medidas de prevenção do COVID-19, sejam as individuais, sejam as comunitárias.

Inquérito do Afrobarometer

O Afrobarometer, uma organização sem fins lucrativos, com sede no Ghana, é uma rede de pesquisa pan-africana e não-partidária que fornece dados quantitativos fiáveis sobre a vivência e avaliação dos africanos da democracia, da governação e da qualidade de vida. Foram realizadas sete rondas de pesquisas de opinião pública em 38 países, entre 1999 e 2018. A 8ª Ronda está prevista em 35 países africanos, entre 2019/2020. O Afrobarometer realiza entrevistas face-a-face na língua da escolha do entrevistado, com uma amostra nacional representativa.

No seu primeiro inquérito de opinião pública em Angola, a equipa do Afrobarometer liderada pela Ovilingwa – Estudos de Opinião Pública entrevistou 2.400 angolanos adultos, entre 27 de novembro e 27 de dezembro 2019. Uma amostra deste tamanho produz resultados nacionais com uma margem de erro de +/- 2 pontos percentuais e um nível de confiança de 95%.

Principais resultados

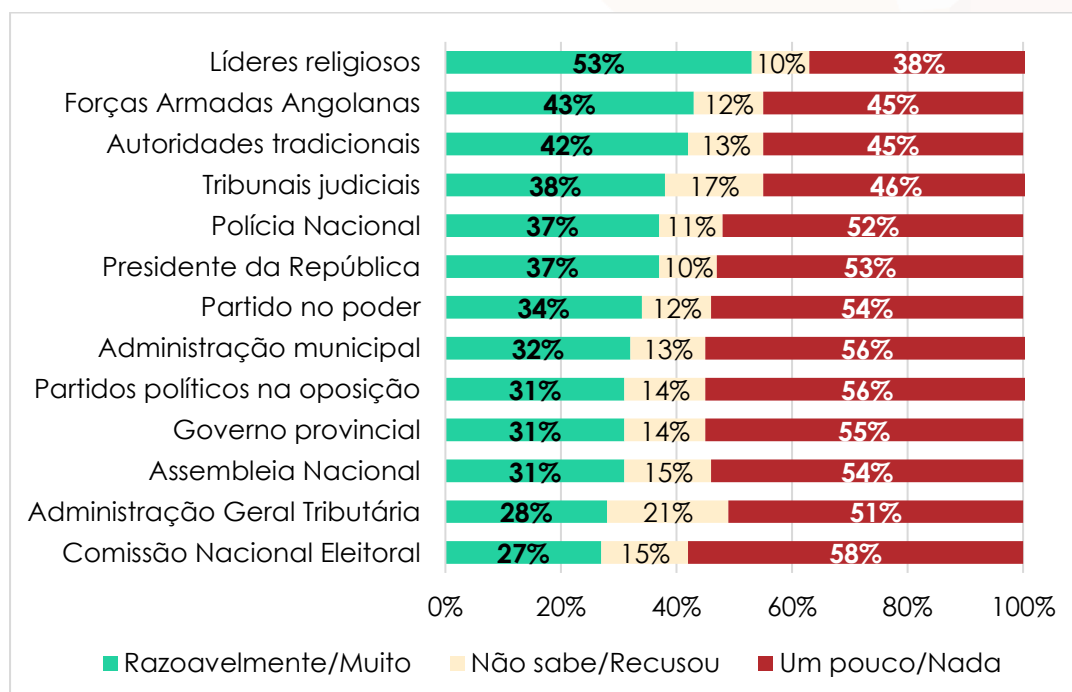
- Mais de metade (53%) dos angolanos dizem confiar nos líderes religiosos "razoavelmente" ou "muito," seguidos pelos militares (43%) e autoridades tradicionais (42%). Menos de quatro em cada 10 inquiridos manifestam confiança nos tribunais (38%), polícia nacional (37%), Presidente da República (37%), e outras instituições.
- A confiança popular nos líderes religiosos, militares, e autoridades tradicionais é geralmente mais forte entre os inquiridos rurais, mais velhos, mais pobres, e menos instruídos – tratam-se de segmentos da população que podem revelar dificuldade de acesso a informações simples e claras sobre a pandemia COVID-19.
- A província de Luanda, que concentra cerca de um terço da população angolana e mais de dois terços dos casos positivos da COVID-19 até ao presente momento, deve merecer preocupação redobrada, porquanto regista os níveis mais baixos de confiança popular nos líderes religiosos, nas autoridades tradicionais e nas forças armadas angolanas.

Nível de confiança nas instituições

Quando questionados sobre o quanto confiam nos principais líderes e funcionários públicos, os angolanos revelaram-se mais propensos a confiar "razoavelmente" ou "muito" nos líderes religiosos (53%), nas Forças Armadas Angolanas (43%) e nas autoridades tradicionais (42%) (Figura 1). Distintamente, os líderes religiosos são o único grupo em que mais de metade dos inquiridos indicam confiança.

A maioria dos inquiridos indica "pouca" ou "nenhuma" confiança na polícia nacional (52%), no Presidente da República (53%), nos partidos políticos no poder e na oposição (54% e 56%, respetivamente), na Assembleia Nacional (54%), e na Comissão Nacional Eleitoral (58%).

Figura 1: Confiança popular nas instituições | Angola | 2019

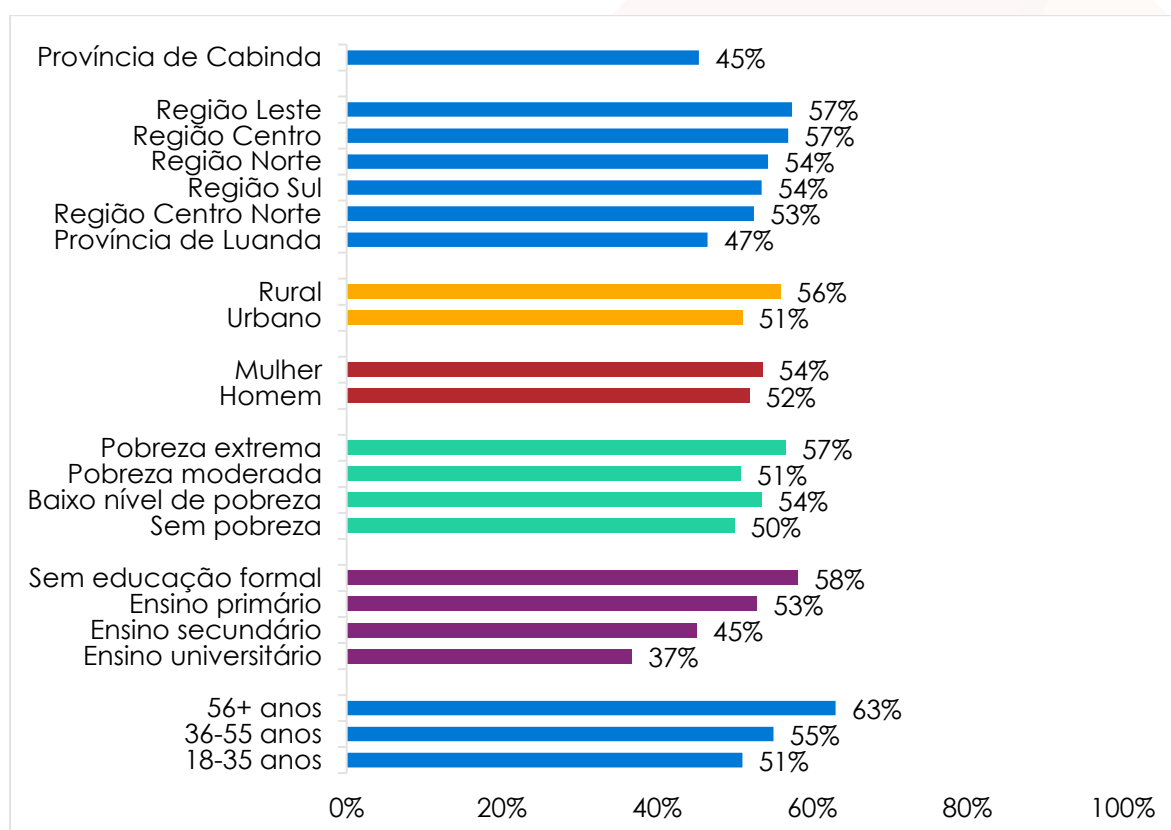


Pergunta aos entrevistados: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião?

A confiança popular nos líderes religiosos aumenta com a idade, mas diminui com o nível de educação (Figura 2). Entre os inquiridos mais velhos (com 56 ou mais anos), 63% dizem confiar nos líderes religiosos "razoavelmente" ou "muito", contra 51% dos que têm entre 18 e 35 anos. E os cidadãos com o ensino universitário são muito menos propensos a expressar confiança (37%) do que os seus homólogos menos educados.

Os residentes urbanos são ligeiramente menos confiantes nos líderes religiosos do que os habitantes rurais (51% vs. 56%), e a província de Luanda, a mais urbana do país, regista o nível de confiança mais baixo (47%). Os inquiridos mais pobres¹ são um pouco mais propensos a expressar confiança nos líderes religiosos do que os cidadãos em melhor situação.

Figura 2: Confiança nos líderes religiosos | por grupos socio-demográficos²
 | Angola | 2019



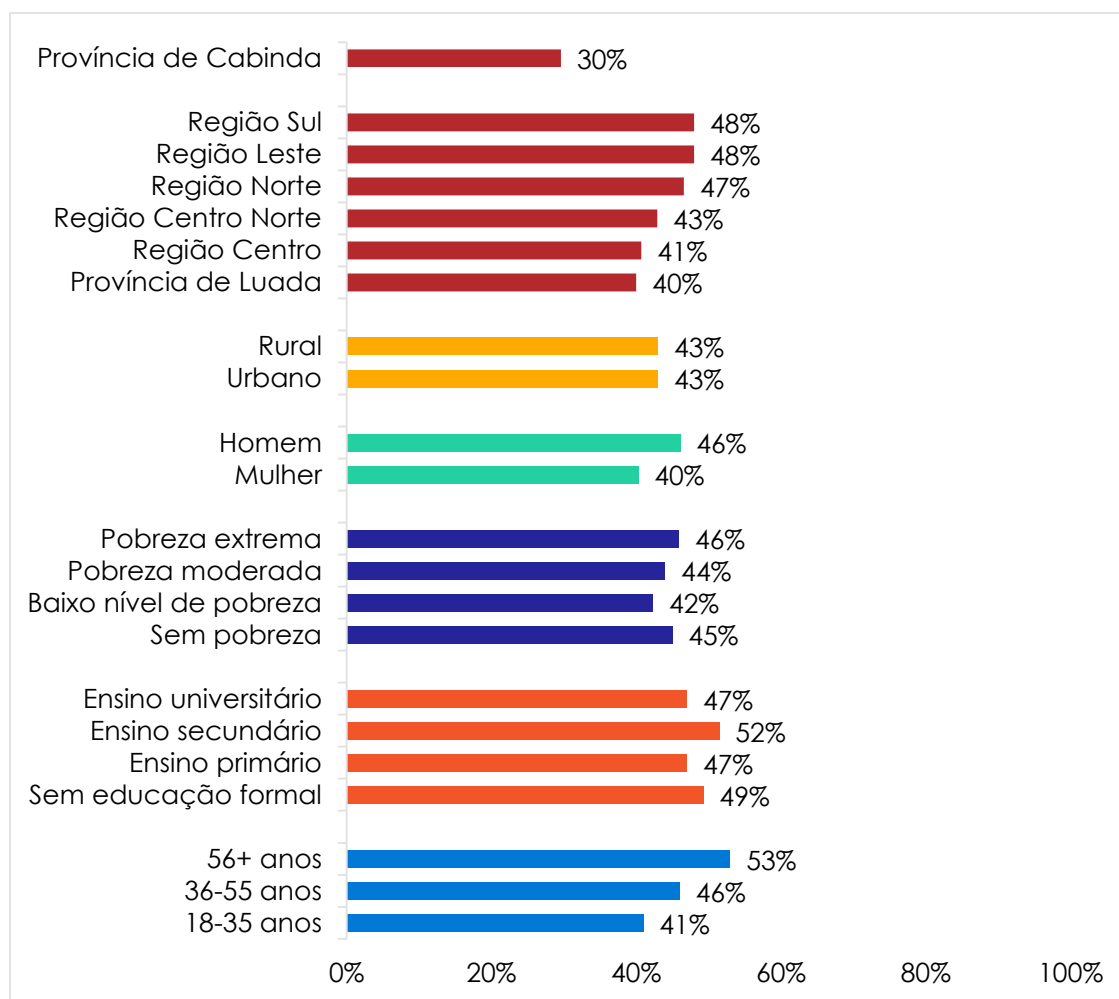
Perguntas aos entrevistados: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: Líderes religiosos? (% dos que disseram "razoavelmente" ou "muito")

¹ O índice de pobreza do Afrobarometer (LPI) mede o nível de privação material dos respondentes, perguntando-lhes quantas vezes eles ou as suas famílias ficaram sem satisfazer as necessidades básicas (comida suficiente, água suficiente, cuidados médicos e medicamentosos, combustível para cozinhar suficiente e rendimento monetário - salário) durante o ano anterior. Para mais informações, veja Mattes (2020).

² De acordo com o Instituto Nacional de Estatística as regiões de Angola agrupam as seguintes províncias: Norte (Cabinda, Uíge, Zaire), Centro Norte (Bengo, Cuanza Norte, Malange), Centro (Benguela, Bié, Cuanza Sul, Huambo), Leste (Cuando Cubango, Lunda Sul, Lunda Norte, Moxico), Sul (Cunene, Huíla, Namibe) e Luanda. Os resultados da província de Cabinda, incluídos na média da Região Norte, também são analisados separadamente.

A confiança nas forças armadas, o segundo grupo mais confiável, varia um pouco por região, oscilando entre 40% na província de Luanda e 48% nas regiões sul e leste (Figura 3). Homens (46%) e anciãos (53%) são mais propensos a expressar confiança nas forças armadas do que as mulheres (40%) e jovens (41% dos jovens dos 18 aos 35 anos).

Figura 3: Confiança nas Forças Armadas Angolanas | por grupos socio-demográficos | Angola | 2019

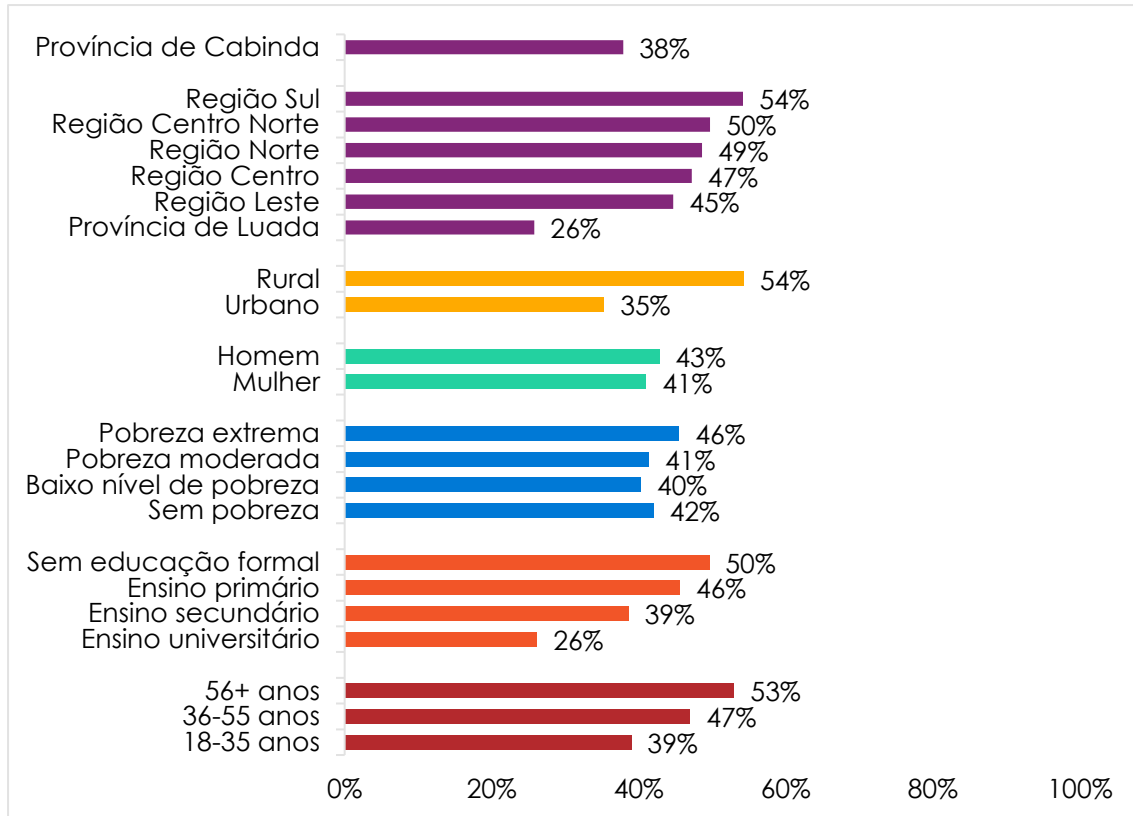


Perguntas aos entrevistados: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: Forças Armadas Angolanas? (% dos que disseram "razoavelmente" ou "muito")

As autoridades tradicionais, a terceira instituição mais confiável dos angolanos, são um pilar de uma sociedade governada pelo pluralismo jurídico, ou seja, lei positiva e direito costumeiro. Mais uma vez, a confiança popular aumenta com a idade e diminui com a educação (Figura 4). A confiança nas autoridades tradicionais é significativamente mais forte nas zonas rurais (54%) do que nas cidades (35%), e é mais alta na região sul e, por sinal, a mais rural do país (54%).

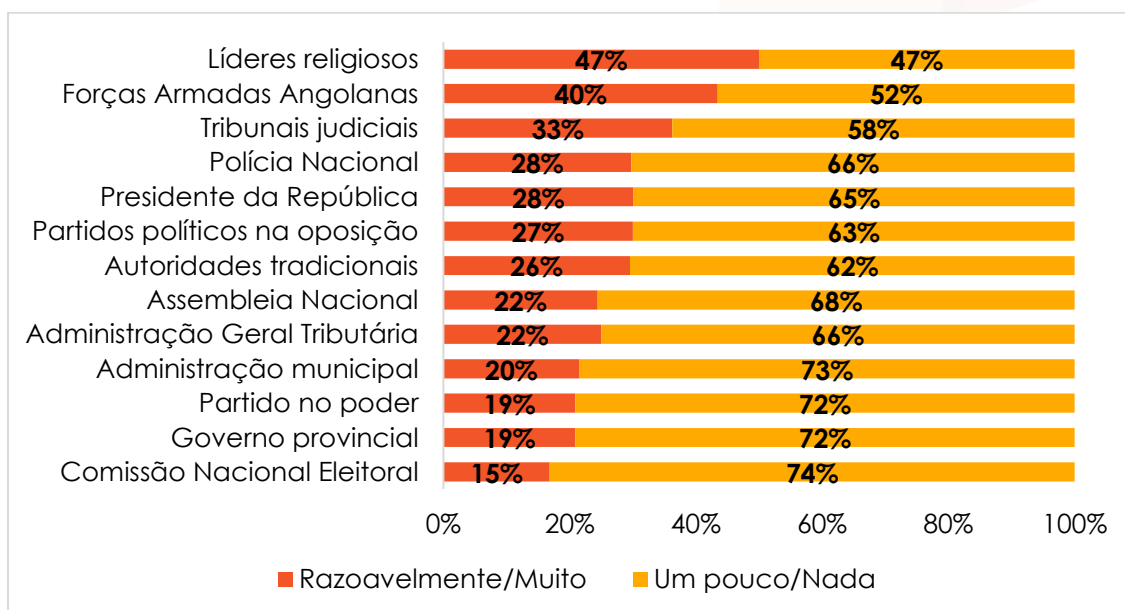
A província de Luanda é o lugar do país que tem de longe o nível de confiança mais baixo nas autoridades tradicionais (26%), ultrapassado pela confiança nos tribunais (33%) (Figura 5).

Figura 4: Confiança nas autoridades tradicionais | por grupos socio-demográficos
 | Angola | 2019



Perguntas aos entrevistados: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: Autoridades tradicionais? (% dos que disseram “razoavelmente” ou “muito”)

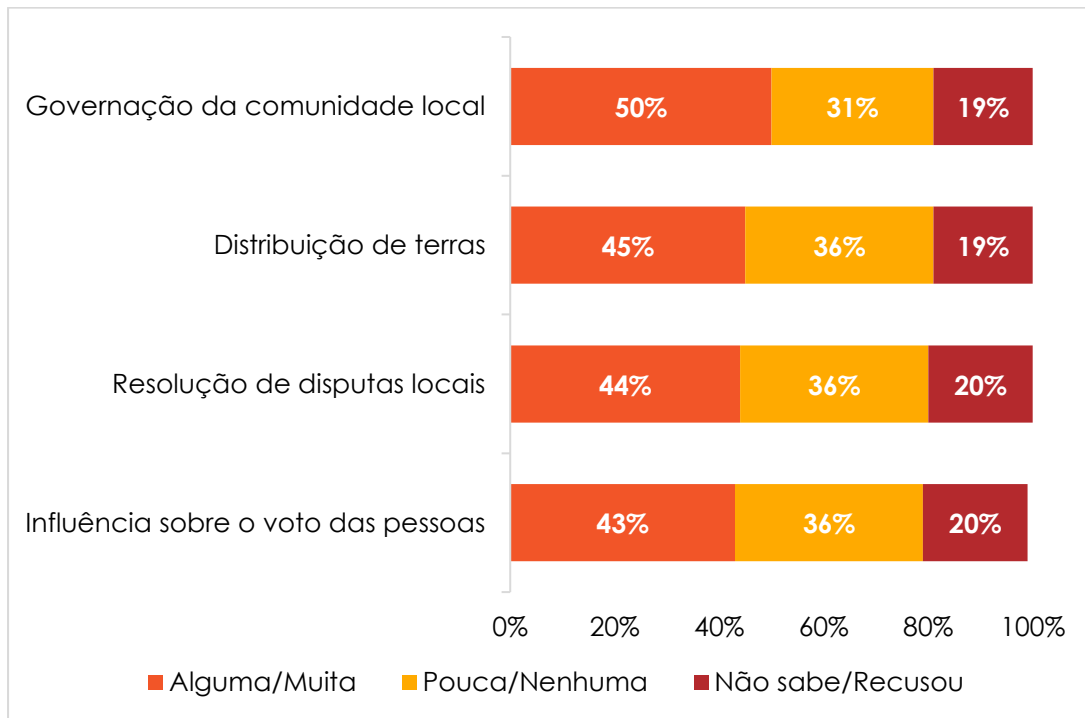
Figura 5: Confiança nas instituições entre os residentes de Luanda | Angola | 2019



Perguntas aos entrevistados: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião?

Em termos do papel que as autoridades tradicionais desempenham em Angola, metade (50%) dos inquiridos dizem ter "alguma" ou "muita" influência na governação das comunidades locais. Uma maioria relativa também considera as autoridades tradicionais influentes na atribuição de terras (45%), na resolução de disputas locais (44%), e na influência sobre a forma como as pessoas votam (43%) (Figura 6).

Figura 6: Influência das autoridades tradicionais | Angola | 2019



Perguntas aos entrevistados: Quanta influência as autoridades tradicionais actualmente têm em cada uma das seguintes áreas: Na governação da sua comunidade local? Na distribuição de terras? Na forma como as pessoas devem votar nas suas comunidades? resolução de disputas locais?

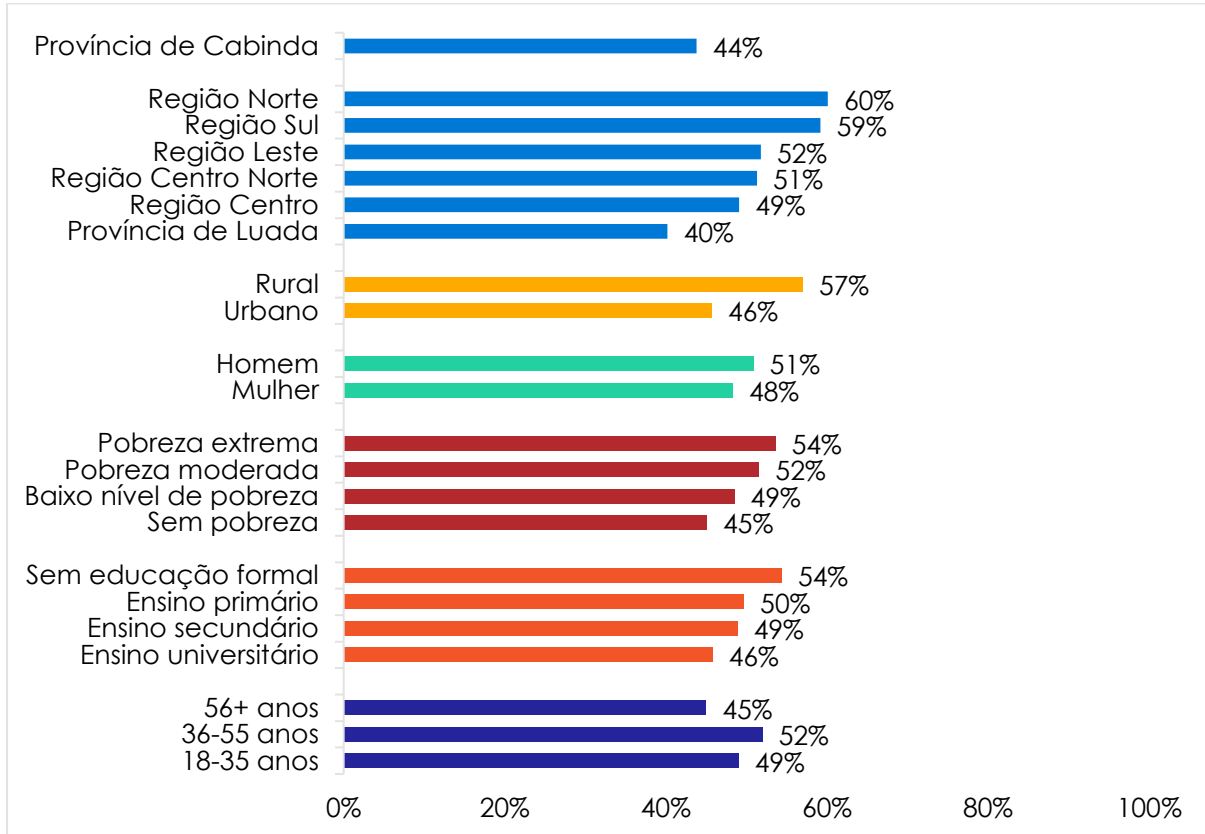
A influência das autoridades tradicionais na governação da comunidade local é mais fortemente percebida nas zonas rurais (57%) do que nas cidades (46%) e entre os inquiridos pobres (54%) e sem educação formal (54%) do que entre os seus congéneres mais

Faça sua própria análise dos dados do Afrobarometer – sobre qualquer questão, para qualquer país e ronda de inquérito. É fácil e gratuito em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

escolarizados e em melhor condição social (Figura 7). Os residentes das regiões norte (60%) e sul (59%) são mais propensos a ver as autoridades tradicionais como influentes na governação das comunidades locais do que os cidadãos de outras regiões.

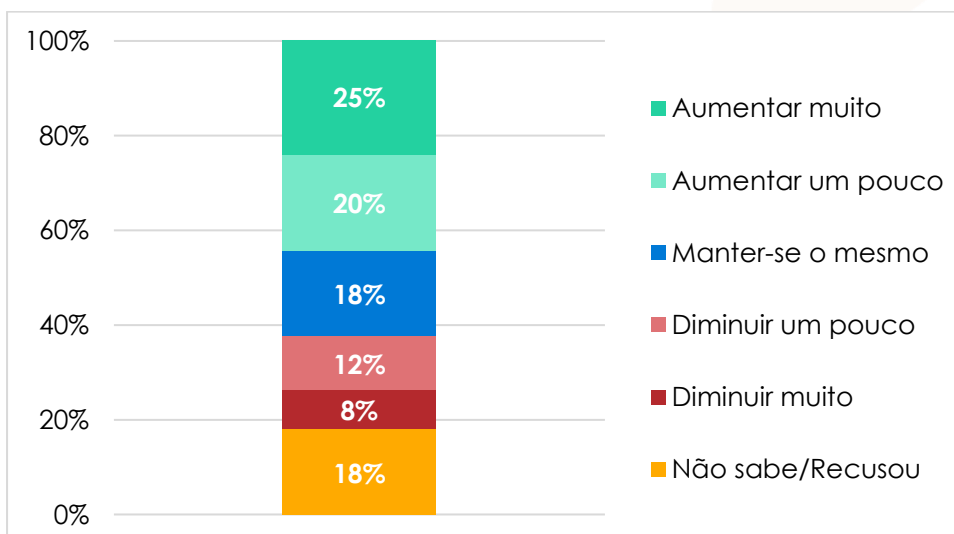
Uma maioria relativa dos angolanos (45%) considera que a influência das autoridades tradicionais na gestão dos assuntos comunitários deve aumentar, enquanto cerca de metade daquele número (20%) prefere vê-la a diminuir ou a permanecer no mesmo nível (18%) (Figura 8).

Figura 7: Influência das autoridades tradicionais na governação da comunidade local | por grupos sociodemográficos | Angola | 2019



Perguntas aos entrevistados: Quanta influência as autoridades tradicionais actualmente têm em cada uma das seguintes áreas: Governação da sua comunidade local?

Figura 8: Deve aumentar ou diminuir a influência das autoridades tradicionais | Angola | 2019



Perguntas aos entrevistados: Você acha que o poder de influência que as autoridades tradicionais têm na gestão dos assuntos da sua comunidade local devia aumentar, manter-se o mesmo ou diminuir?

Conclusão

O inquérito do Afrobarometer revelou que os angolanos confiam mais nos líderes religiosos, nas Forças Armadas angolanas e nas autoridades tradicionais do que noutras instituições e funcionários chave. Estes três grupos, que contribuíram nas campanhas de saúde no passado, representam ainda potenciais activos na luta actual para limitar a propagação do COVID-19.

Esta confiança tende a ser superior à média entre os angolanos que vivem em zonas rurais, estão em situações de pobreza extrema, sem educação formal e são idosos. Tendo em conta que estes grupos podem ter muitas dificuldades em manter-se informados sobre os riscos do COVID-19 e seguir as medidas sanitárias devido a privações de várias ordens, existe aqui uma excelente oportunidade de envolver massivamente os líderes religiosos, os militares e autoridades tradicionais nas campanhas de sensibilização comunitárias dirigidas aos grupos mais desprovidos de meios e recursos para decodificar as mensagens oficiais e mais elaboradas.

Por outro lado, a confiança nos líderes religiosos, forças armadas e autoridades tradicionais é mais fraca em Luanda. Sendo a capital, com um terço da população angolana (cerca de 368 habitantes por quilómetro quadrado, 18 vezes acima da média do país), e com mais de dois terços dos casos de COVID-19 até à data, Luanda poderá necessitar do apoio de outros influenciadores informais como músicos, actores, comediantes e atletas para uma estratégia de sensibilização e mobilização eficaz.

Referências

- Boio, B., Pacatolo, C., & Mbangula, M. (2020). Estudo de avaliação dos impactos socioeconómicos das medidas do executivo angolano. 10 abril.
- Mattes, R. (2020). Lived poverty on the rise: Decade of living-standard gains ends in Africa. Afrobarometer Policy Paper No. 62.
- Ministério da Saúde. (2020). COVID-19 dashboard by center for systems science and engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU).
- O País. (2020). Covid-19: Angola com 289 novos casos, quatro óbitos e três recuperados. 22 outubro.
- Sanny, J. A.-N., & Asiamah, G. B. (2020). Trusted and influential religious and traditional leaders can be assets covid-19. Afrobarometer Edição No. 355.
- World Health Organization. (2020). WHO coronavirus disease (COVID-19) dashboard.

David Joaquim Chinhenga Boio é sociólogo e Investigador Principal da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública, parceira angolana do Afrobarometer, e Investigador do Centro Sol Nascente do Huambo. Email: davidboio@gmail.com.

Carlos Barnabé Upindi Pacatolo é politólogo e Investigador Principal da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública, parceira angolana do Afrobarometer. Email: pacatolo@yahoo.com.br.

A Afrobarometer, uma corporação sem fins lucrativos com sede no Gana, dirige uma rede de pesquisa pan-africana e não-partidária. Coordenação regional de parceiros nacionais em cerca de 35 países é fornecida por Center for Democratic Development (CDD) no Gana, Institute for Justice and Reconciliation (IJR) na África do Sul, e Institute for Development Studies (IDS) da University of Nairobi, no Quênia. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town (UCT) prestam apoio técnico à rede.

O apoio financeiro à Ronda 8 do Afrobarometer foi prestado pela Swedish International Development Cooperation Agency (SIDA), Mo Ibrahim Foundation, Open Society Foundations, William and Flora Hewlett Foundation, e U.S. Agency for International Development (USAID) através do U.S. Institute of Peace.

As doações ajudam o Projeto Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor, considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou contactar Bruno van Dyk (bruno.v.dyk@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional.

Para mais informações, visite www.afrobarometer.org.



Afrobarometer Edição No. 401 | 23 de outubro de 2020